INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

HISTÓRIA - LICENCIATURA

CINEMA COMO MATERIAL DIDÁTICO NAS AULAS DE HISTÓRIA : *A HISTÓRIA OFICIAL* (1985), *O ANO EM QUE MEU PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS* (2006) E A *INFÂNCIA CLANDESTINA* (2011).

LUANA VITOR FERREIRA

Foz do Iguaçu
2022

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

HISTÓRIA - LICENCIATURA

CINEMA COMO MATERIAL DIDÁTICO NAS AULAS DE HISTÓRIA : *A HISTÓRIA OFICIAL* (1985), *O ANO EM QUE MEU PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS* (2006) E A *INFÂNCIA CLANDESTINA* (2011).

LUANA VITOR FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Professora Dra. Tereza Maria Spyer Dulci.

Foz do Iguaçu
2022

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

LUANA VITOR FERREIRA

CINEMA COMO MATERIAL DIDÁTICO NAS AULAS DE HISTÓRIA : *A HISTÓRIA OFICIAL* (1985), *O ANO EM QUE MEU PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS* (2006) E A *INFÂNCIA CLANDESTINA* (2011).

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dra. Tereza Maria Spyer Dulci
UNILA

Prof. Dra. Ana Rita Uhle
UNILA

Prof. Dra. Cíntia Fiorotti Lima
SEED/UNIOESTE

Foz do Iguaçu, 23 de novembro de 2022.

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Luana Vitor Ferreira

Curso: Licenciatura em História

	Tipo de Documento
(…X.) graduação	(…..) artigo
(…..) especialização	(..x..) trabalho de conclusão de curso
(…..) mestrado	(…..) monografia
(…..) doutorado	(…..) dissertação
	(…..) tese
	(…..) CD/DVD – obras audiovisuais
	(…..) _____

Título do trabalho acadêmico: CINEMA COMO MATERIAL DIDÁTICO NAS AULAS DE HISTÓRIA ANÁLISE DOS FILMES: *A HISTÓRIA OFICIAL* (1985), *O ANO EM QUE MEU PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS* (2006) E A *INFÂNCIA CLANDESTINA* (2011).

Nome do orientador(a): Tereza Maria Spyer Dulci

Data da Defesa:

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons* **Licença 3.0 Unported.**

Foz do Iguaçu,_____de_____de 2022.

_____

Assinatura do Responsável

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

AGRADECIMENTOS

De primeiro instante gostaria de agradecer à minha mãe, Josie, por todas as batalhas travadas que me trouxeram até aqui, formada em uma universidade pública. Agradeço por sempre me encorajar a buscar o caminho do conhecimento e da sabedoria. Posso dizer que é impossível colocar em palavras todo o amor e respeito que sinto, obrigada por ter sido um grande exemplo de perseverança e resiliência. Ao meu pai Adilson que por toda sua vivência almejou o melhor para mim, constantemente me incentivando nos estudos e na educação.

Agradeço ao meu grande amor Felipe que foi meu apoio incondicional durante toda graduação, sendo meu alicerce em projetos pessoais e acadêmicos. Por ter estado ao meu lado ao decorrer de todas as aflições, dentro dos altos e baixos. Agradeço por ser meu companheiro de vida, que de forma excepcional sempre comprou meus sonhos.

Aos meus irmãos, Tatiane, Monique e Wellington, que mesmo sem saber me ajudaram a se tornar a pessoa que sou hoje, dentro de suas personalidades sempre foram exemplos de gente grande para mim. Agradeço por serem minha rede de apoio e acolhimento.

Agradeço imensamente a docente Valdirene Reimann por me deixar acompanhar um pouco mais de perto a trajetória de uma professora aplicada e com muita sabedoria para atribuir e marcar a trajetória de seus inquietos estagiários.

Também agradeço à minha professora e orientadora, Tereza Maria Spyer Dulci, que além de ter sido uma figura marcante em minha trajetória acadêmica, teve muita paciência, carinho e companheirismo. Agradeço imensamente por todo conhecimento compartilhado, por embarcar na minha ideia e por ter insistido em mim.

As professoras Cintia e Ana Rita por terem esse jeito contagiante de transbordar conhecimento, obrigada por terem topado fazer parte desse momento.

Por último, mas não menos importante, agradeço às minhas irmãs de coração, Emanuelle e Glenda, sem vocês essa graduação teria sido um tanto sufocante e árdua. Obrigada por terem sido tão carinhosas e gentis comigo dentro desse percurso absurdo. Gostaria de agradecer também, a essas mulheres brilhantes, Leliane, Sara e Simone, por sempre me incentivarem e me apoiarem por toda essa graduação.

Por fim, obrigada a todos os professores que passaram pela minha trajetória, sem eles absolutamente nada seria possível, a todos aqueles que de certa forma contribuíram para a conclusão do meu trabalho acadêmico e da minha formação.

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

CINEMA COMO MATERIAL DIDÁTICO NAS AULAS DE HISTÓRIA : *A HISTÓRIA OFICIAL* (1985), *O ANO EM QUE MEU PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS* (2006) E A *INFÂNCIA CLANDESTINA* (2011)[1]

Luana Vitor Ferreira[2]

RESUMO

Entendendo o cinema como transmissor de conteúdos que relatam tensões históricas e sociais, este trabalho se utilizará da arte cinematográfica como ponto referencial de análise com o objetivo de abordar a utilização dos filmes em sala de aula, especialmente na disciplina de História, reconhecendo as artes audiovisuais como uma ferramenta fundamental no contexto da educação atual. As obras trabalhadas no decorrer deste estudo se baseiam no ambiente escolar e vida cotidiana infantil como uma linha semelhante de recorte, sendo elas (1) o filme *A História Oficial* (1985), o qual relata o enredo da vida de uma professora de história e sua filha, uma das crianças procuradas durante o período da ditadura, (2) a obra cinematográfica *O ano que meus pais saíram de férias* (2006), que retrata a solidão vivida pelo personagem principal em razão do sistema opressor presente no contexto histórico do filme, bem como (3) o longa metragem *A Infância Clandestina* (2011), que conta a história do menino Juan (de codinome Ernesto) e de seus pais que viviam de forma clandestina e lutavam contra a ditadura militar que governava o país.

Palavras-chave: Argentina; Brasil; ditadura; cinema; educação; história.

[1] Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História na Unila. O presente trabalho teve como ponto de referência as atividades desenvolvidas com estudantes ao percorrer da disciplina Estágio Supervisionado II no ano de 2020.

[2] Discente do Curso de História Licenciatura na Universidade da Integração Latino-Americana (UNILA).

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

ABSTRACT

Understanding the cinema as a way to transmit contents regarding historical and social tensions, this study will use the cinematographic art as an analysis reference point on the learning process, with the purpose of using movies in schools, especially in history classes, considering the visual arts as an important tool in the current education context. The movies used during this study are based on the school and children's daily life environment in a similar context. Therefore, the selected movies for this research are (1) *The Official Story* (1985), which tells the life story of a history teacher searching her daughter that went missing on the dictatorship's years, (2) *The Year My Parents Went On Vacation* (2006), that shows the main character's life in solitude due to the oppressive system during the historical event represented in the movie, and also (3) *Clandestine Childhood* (2011), telling the story of how Juan (also known as Ernesto) and his parents lived a life in disguise, fighting against the military dictatorship that ruled their country.

Key-Words: Argentina; Brazil; dictatorship; cinema; education; history.

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Pôster do filme argentino ‘A história oficial’ (1985)……01
FIGURA 2: Pôster do filme brasileiro ‘O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias’ (2006)..02
FIGURA 3: Pôster do filme brasileiro ‘A Infância Clandestina’ (2011)……..03
FIGURA 4: Cartaz ‘Cinema na Escola’, exibição do filme *A Infância Clandestina* (2011)…04

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9

2 CINEMA, HISTÓRIA E MEMÓRIA 9

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO 11

2.2 APRESENTAÇÃO DAS OBRAS TRABALHADAS 13

2.2.1 A História Oficial (1985) 13

2.2.2 O ano que meus pais saíram de férias (2006) 14

2.2.3 A Infância Clandestina (2011) 16

2.3. A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NA DITADURA CIVIL-MILITAR DA ARGENTINA E BRASIL: CINEMA E RESISTÊNCIA 17

3 CINEMA E ESCOLA 18

3.1 A INFÂNCIA NO CINEMA 19

3.3 CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIA NA ESCOLA 21

4 CONCLUSÃO 25

REFERÊNCIAS 27

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

1 INTRODUÇÃO

Este estudo analisará os filmes *A História Oficial* (1985), *O ano que meus pais saíram de férias* (2006) e *A Infância Clandestina* (2011), que foram trabalhados em sala de aula em conjunto à professora Valdirene Reimann[3], para as turmas de 1º ano do Ensino Médio do Colégio Dom Pedro II, localizado no bairro Morumbi I, na cidade de Foz do Iguaçu-PR, utilizando-se de observações inseridas dentro do contexto das ditaduras civil-militar argentina e brasileira através da arte cinematográfica, contendo recorte de ambiente escolar e a percepção infanto-juvenil presente no enredo das obras citadas.

A prioridade pelos períodos de regime militar se dá pela sua importância e relevância histórica tanto na Argentina quanto no Brasil. Considerando que a construção da memória individual ou coletiva é uma constante relação entre o passado e o presente, os filmes também trabalham da mesma maneira se baseando nos momentos em que foram produzidos e o olhar dos cineastas sobre os processos históricos que podem apontar diferentes memórias e recortes de relevância sobre o mesmo período da história.

O momento que corresponde à ditadura militar na Argentina e no Brasil, assim como no restante dos países da América Latina que também passaram pelo mesmo processo, foi severamente marcado pela presença de uma militarização do poder político e pela intensa violência. Assim, buscamos encarar as narrativas retratadas como veículos da memória, sendo propiciadoras das representações que dão forma à memória social, ultrapassam os limites físicos de uma região e buscam encontrar respostas subjetivas. Desta forma, entendemos que o cinema possibilita o processo de ensino-aprendizagem como desenvolvimento do senso crítico e o reconhecimento de sujeitos históricos participantes na sociedade inserida como transformadores sociais. Deste modo, a escolha pelo cinema se dá como elemento-chave na percepção e compreensão de fatos históricos e sociais, considerando como importante ferramenta e recurso didático, em particular na disciplina de História.

2 CINEMA, HISTÓRIA E MEMÓRIA

[3] Historiadora formada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade do Oeste do Paraná. Atualmente docente de história do Colégio Dom Pedro II, na cidade de Foz do Iguaçu-PR.

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

A relação entre cinema e história há muito interessa os historiadores. A sétima arte se apresenta como um importante instrumento para as práticas de fortalecimento das memórias sociais. O cinema dentro do contexto de ditaduras militares é um tema muito importante, visto que as memórias da ditadura militar no Brasil, precisamente, ainda não foram suficientemente elaboradas, de modo que há muitas histórias a serem contadas e recuperadas justamente pela batalha pela memória. Acredita-se, portanto, que o cinema e as imagens que retratam o passado nos ajudam a reescrever as narrativas, trazendo à tona o que foi esquecido ou silenciado pelas linhas limitadas da história oficial, colocando em reflexão questões que ainda poderiam ser pensadas a partir dos episódios de repressão quando comparados no cenário presente do povo brasileiro (ALMEIDA, 1999; DUARTE, 2002).

Em 2019, a disputa pela memória passa pelo incontornável combate ao negacionismo no Brasil e no mundo, bem como pelo esforço de incorporar novas compreensões sobre as experiências históricas que nos trouxeram até aqui (MORENTTIN e NAPOLITANO, 2019, p. 258). Tendo em conta nossa experiência no presente e olhando para o passado, esta pesquisa procura pensar as batalhas pela memória a fim de tentar compreender como chegamos até o momento em que vivemos, analisando os fragmentos da ditadura militar que ainda interferem em nossos modos de viver e em nossas práticas políticas, pois os resquícios do autoritarismo ainda se fazem presentes na América Latina e, sobretudo, nos países formados pelo Conesul[4].

Tais fragmentos devem ser levados à reflexão e o cinema contribui na tarefa de construção de memória, entendendo esse material também como instrumento político. Seu uso em sala de aula, portanto, não se resume em apenas assistir a reprodução parcial ou completa de filmes. Existe a necessidade de repensar o emprego de produções cinematográficas não apenas como objeto de pesquisa, mas também para além das linhas teóricas, traçando possíveis metodologias para a prática em sala de aula.

A utilização do cinema na escola pode ser inserida, em linhas gerais, num grande campo de atuação pedagógica chamado “mídia-educação” (BELLONI, 2001), usando desse espaço para levantar questionamentos acerca de que forma é possível levar o cinema para a sala de aula, refletindo acerca da abordagem ou do diálogo que pode proporcionar a troca de conhecimento. Nesse sentido, a linguagem cinematográfica atua como elemento que auxilia a formação histórica, com o objetivo de engrenar os estudantes e o espaço escolar nas questões acerca da memória dos processos sociais amplos, que exigem aprofundamento em reflexões críticas.

[4] Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Todos os países membros do Cone Sul passaram por sistemas de ditadura civil-militar entre as décadas de 1930 e 1990.

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

Partindo desses argumentos, como graduanda do curso de História (Licenciatura) foi possível constatar a necessidade de lidar com a interdisciplinaridade e novas abordagens didáticas no campo da disciplina, utilizando do cinema e das mencionadas obras para trabalhar um instrutivo educacional em temas sensíveis, tais como os processos de ditadura civil-militar na Argentina e no Brasil.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO

Para exemplificar os contextos devemos colocar em destaque que a Argentina passou por mais de uma ditadura militar, sendo a primeira entre 1966 e 1970 e a última entre os 1976 e 1983, anos marcados também por regimes autoritários instaurados em outros países da América Latina. A última ditadura argentina teve apoio e incentivo do governo estadunidense, que na época disputava a geopolítica mundial com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) referente ao conflito da Guerra Fria.

O golpe de Estado foi dado em 24 de março de 1976, destituindo do cargo a então presidente da república Maria Estela Martínez de Perón[5], ocasião intitulada por militares como "Processo de Reorganização Nacional", uma junta militar composta pelas três frentes das Forças Armadas, que tomou o poder e indicou o general Jorge Rafael de Videla[6] para presidente do país (SADER; JINKING, 2006).

Milhares de pessoas foram assassinadas por militares apoiadores do golpe e muitas delas, após serem mortas, foram jogadas no mar por aviões. Algum tempo depois, corpos apareciam às margens das praias argentinas, uruguaias e também brasileiras, sendo tal prática hedionda conhecida como "voos da morte". Este foi o período mais sangrento, opressor e violento por parte dos militares argentinos que incansavelmente perseguiam as forças da oposição, as quais tentavam derrubar o regime imposto. Quanto às denúncias, a opressão argentina agiu de forma rápida e estratégica, passando a utilizar dos massivos meios de comunicação para construção de uma narrativa positiva que ocultava as vozes das acusações, tomando o controle dos conteúdos exibidos nos canais de televisão, estações de rádio, censurando filmes e publicações em revistas (NOVARO; PALERMO, 2007).

[5] Conhecida como Isabelita Perón, foi a primeira mulher a governar o país da Argentina, eleita democraticamente tomando posse em 1974.
[6] Videla foi o ditador argentino colocado no poder entre os anos de 1976 e 1981 pelas Forças Armadas argentinas após o golpe de Estado orquestrado pelo governo imperialista norte-americano.

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

A ditadura argentina ficou fortemente marcada pelas práticas de tortura e pela grande quantidade de mortos e desaparecidos. Na capital Buenos Aires é possível visitar o Museo de La Memoria[7]. Sua estrutura foi utilizada como centro de tortura e assassinato durante a ditadura e, apesar de ter sofrido muitas mudanças e longas disputas, o prédio se tornou um local de resgate à memória.

Este período foi marcado também pela grande queda da economia do país, que passou a exportar menos e consequentemente aumentar sua dívida externa, fator econômico semelhante ao fim da Guerra das Malvinas, em que a Argentina saiu derrotada pelo Reino Unido na disputa pela soberania do território malvinense. Um fato marcante e que difere a ditadura argentina e da brasileira é que na Argentina houve julgamentos e condenações de culpados, sendo que já em 1985, apenas dois anos após o fim da ditadura, torturadores e chefes militares de alto escalão começaram a ser julgados e condenados (NOVARO; PALERMO, 2007).

Se tratando de Brasil, o golpe se consolidou na data de 1 de abril de 1964, quando João Goulart foi derrubado da presidência após prática golpista que, como no caso argentino, também envolvia forças armadas com apoio do governo dos Estados Unidos e de parte da população civil brasileira que reivindicava o apoio de militares contra a suposta ameaça comunista. E antes mesmo que Marechal Castelo Branco, primeiro presidente do período de exceção, assumisse o cargo, diversas mortes aconteceram apoiadas somente pelo clima de terror instaurado com a chegada dos militares ao poder, em atos de violências desencadeados em várias partes do país em decorrência do golpe. Vale destacar que ainda no dia 30 de março, com o país atravessando a maior ameaça à democracia, houve grande ambiente de terror e repressão contra aqueles que apoiavam a luta de João Goulart nas Reformas de Base, sendo eles majoritariamente trabalhadores rurais que viviam a euforia de um presidente que brigava publicamente pela reforma agrária.

A ditadura civil-militar brasileira durou 21 longos anos e foi amplamente marcada pela violência. Por meio do AI-5[8], assinado em dezembro de 1968 pelo presidente militar Artur da Costa e Silva, os militares tiveram plenos poderes para suas práticas abusivas contra aqueles que eles consideravam ameaçadores e subversivos. Como maneira de controlar as mídias, foi criada em 1969 a Empresa Brasileira de Filmes S/A (Embrafilme), que funcionava

[7] O Museo de La Memoria foi criado em 1988 com o objetivo de ser um local de memória, conhecimento e pesquisa acerca de temas tão conflituosos na América Latina, como as ditaduras militares e Direitos Humanos.
[8] O Ato Institucional nº 5, AI-5 assinado na data 13 de dezembro de 1968 pelo general Costa e Silva, foi a medida de maior repressão da ditadura militar brasileira (1964-1985). Medida que vigorou até final de 1978, sendo responsável por práticas de violência que dava poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente duramente aqueles que fossem tidos ou considerados como inimigos do regime.

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

como avaliadora da censura sobre quais conteúdos a população poderia ter acesso através do cinema nacional e internacional. Porém, vale frisar que apesar da censura e do esforço pelo apagamento da memória, as imagens de arquivo nos permitem conectar a uma experiência histórica brasileira mais imediata e brutal: a da tortura e repressão institucionalizadas pela ditadura militar (MORENTTIN e NAPOLITANO, 2019, p. 260).

2.2 APRESENTAÇÃO DAS OBRAS TRABALHADAS

2.2.1 A História Oficial (1985)

O filme *A História Oficial* (1985)[9] tem como núcleo de desenvolvimento a trama da família composta pela professora de história Alicia (Norma Aleandro), o marido empresário José (Guillermo Battaglia) e a filha Gaby (Analía Castro). A película traz reflexões no campo da família, onde essa instituição foi participante e comprometida inclusive no silenciamento do que estava acontecendo no contexto histórico da ditadura civil-militar argentina. O diretor Luis Puenzo[10] e a roteirista Aída Bortnik[11] construíram uma aliança vitoriosa, onde conseguimos acompanhar de perto os sucessivos desdobramentos que afetaram profundamente a personagem principal.

Na trama, Alicia é esposa do empresário José, o qual sabia que a protagonista aceitaria a filha adotiva mesmo sem ter conhecimento de que a origem da menina era fruto de uma mãe desaparecida. A personagem é atravessada por esse momento difícil que a obriga a abrir os olhos que anteriormente estavam vendados pelo silenciamento e olhar para aquela situação que sempre esteve diante do núcleo familiar desses personagens, circunstância que ainda se faz presente na vida de muitos argentinos, que estão numa sociedade onde o trabalho de desvendar o que parece interminável é onipresente.

Lançado nos últimos suspiros da ditadura militar argentina, o filme foi o primeiro longa-metragem da Argentina a ganhar o Oscar e o Globo de Ouro como Melhor Filme Estrangeiro, prêmios alcançados pela capacidade do enredo de contar uma boa história de forma sútil e ao mesmo tempo chocante. A atuação e a maneira com que essa mãe é

[9] Além de vencer o Oscar e o Globo de Ouro, a obra e seus artistas venceram outros 23 prêmios em festivais de cinema nacionais e internacionais, e ainda foram indicados em outras 9 ocasiões.
[10] Vencedor de 9 prêmios nacionais e internacionais e outras 8 indicações. Foi diretor de 9 filmes além de participações como roteirista e produtor em outras 14 obras.
[11] Indicada ao *Oscar* pelo seu trabalho em 'A História Oficial', além de outras 4 indicações e 3 vitórias em outros festivais.

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

interpretada não poderia ser de forma mais convincente, sendo Norma Aleandro[12] uma das maiores atrizes da notável cultura cinematográfica argentina.

Por fim, o título "A História Oficial" deve ser entendido como um conceito crítico insistente para questionar de forma contundente toda narrativa que se apresenta como oficial, fato este que pode ser observado através da cena em que o jovem estudante contesta essa tese ao indagar a professora. Além disso, a obra coloca as personagens femininas como protagonistas na busca pela verdade, mostrando a particular potência da luta pela justiça e reparação.

FIGURA 1 - Pôster do filme argentino 'A História Oficial' (1985).

Fonte: Film Affinity[13]

2.2.2 O ano que meus pais saíram de férias (2006)

A obra cinematográfica *O Ano Em que Meus Pais Saíram de Férias* (2006)[14] é uma grande celebração do cinema brasileiro, que contou com atuações de Michel Joelsas, Liliana Castro, Caio Blat, Paulo Autran, entre outros. Esse projeto foi um dos primeiros a ser

[12] Primeira atriz argentina a ser indicada ao Oscar por sua atuação em '*Gaby: Uma História Verdadeira' (1987)*, na categoria de Melhor Atriz Coadjuvante. Recebeu outras 13 indicações e foi premiada em outras 17 ocasiões incluindo o prêmio de melhor atriz no *Cannes Film Festival*, por seu papel em 'A História Oficial'.
[13] Disponível em: <https://www.filmaffinity.com/es/movieimage.php?imageId=149514070>. Acesso em 19 nov. 2022.
[14] Tem coprodução da Production Gullane Filmes, Caos Produções Cinematográficas, Miravista e Globo Filmes. Foi premiado nos festivais: Festival do Rio 2006; Mostra São Paulo 2006; Festival Internacional de Cinema de Lima - Peru 2007; Prêmio ABC de Cinematografia 2007; Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte 2007; Young Artist Awards 2007.

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

selecionado pelo programa Petrobras Cultural[15] e reúne alguns dos mais importantes profissionais da indústria audiovisual brasileira, que foram fundamentais para sua construção, pois lidam muito bem com um assunto delicado da forma mais leve possível.

A obra conta a história uma família que nos anos 70 deixa sua casa às pressas e na correria o filho Mauro esquece os goleiros do time de seu jogo de futebol de botão. Eles viajam até São Paulo para que Mauro fique com o avô e antes mesmo de partir para as falsas férias, o pai promete ao filho que a família retorna a se unir novamente até o início da Copa do Mundo. Após as cenas melancólicas de despedida, a história se passa lentamente na nova moradia, até então temporária, do garoto no bairro de Bom Retiro. A partir disso acompanhamos a relação de Mauro com o avô e a comunidade que os cercam.

A cinematografia e os enquadramentos permitem que a câmera vá para todos os lados gerando muitas perspectivas de uma mesma situação, contendo uma diversidade de material muito grande. O roteiro de Bráulio Mantovani[16], Anna Muylaert[17], Cláudio Galperin e Cao Hamburger[18] fala de repressão, Copa do Mundo, diferenças religiosas e exílio. Orquestrado por pessoas que pegaram pontos da ditadura com bastante consistência de retrato quase bibliográfico, o diretor e sua equipe conseguiram constituir a obra com muita segurança do que foi produzido.

FIGURA 2 - Pôster do filme brasileiro ‘O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias’ (2006).

Fonte: Adoro Cinema[19]

[15] Uma das maiores ações de incentivo à cultura no país teve origem em 2003.
[16] Roteirista de Cidade de Deus (2002) e Tropa de Elite (2007).
[17] Diretora de *Que Horas Ela Volta?* (2015).
[18] Criador de *Castelo Rá-Tim-Bum* (1994 - 1997) e parte da equipe técnica de *Cidade dos Homens* (2002 - 2005).
[19] Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-128289/fotos/>. Acesso em 19 nov. 2022.

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

2.2.3 A Infância Clandestina (2011)

Por fim, o filme argentino com coprodução brasileira *A Infância Clandestina* (2011)[20], escrito por Marcelo Muller[21], conta o enredo biográfico do diretor cineasta Benjamín Ávila[22] e é um marco da representação cinematográfica da última ditadura argentina que, de forma muito estratégica e inteligente, conta a história do menino Juan (Teo Gutiérrez Romero), do pai (César Troncoso), sua mãe (Natalia Oreiro) e seu querido tio Beto (Ernesto Alterio) no retorno ao país de origem.

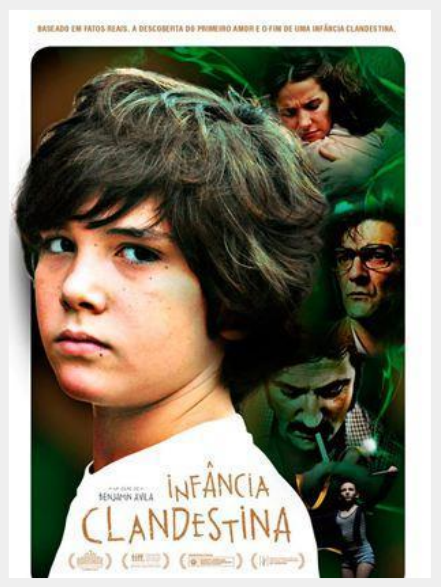
O contexto representado no filme se passa no ano de 1979 e a trama se desenvolve na tentativa de não levantar suspeitas durante o retorno da família ao país da Argentina. Assim como os pais e a irmã caçula, o menino de 12 anos recebe um codinome e passa a ser chamado de Ernesto, identidade que fica em jogo quando o personagem se apaixona por Maria, colocando em perigo as medidas que ajudavam a família a se manter afastados da repressão militar.

A obra trata em maiores detalhes as lutas contra o governo, quando comparadas às citadas anteriormente, pois procura ao decorrer do enredo focar nas complicações da vida clandestina e nas relações do protagonista Juan/Ernesto com os personagens ao seu redor que, sob a perspectiva do menino, mostra, por exemplo, cenas dos pais e seus companheiros de militância membros da *Organización Montoneros*[23] em reuniões na casa da família. O filme todo é abordado sob olhar infantil do personagem principal, mostrando sua vivência no novo ambiente escolar e a busca pela liberdade que remete à inocência da infância em meio ao caos e à percepção de Juan sob os conflitos gerados pela dura ditadura civil-militar argentina.

FIGURA 3 - Pôster do filme brasileiro ‘A Infância Clandestina’ (2011).

[20] A produtora responsável pela obra é a Historias Cinematograficas Cinemania com coprodução da Antártida Producciones, Academia de Filmes e Radio & Televisión Argentina.
[21] Responsável pelo roteiro de Infância Clandestina (2011) sendo o único brasileiro roteirista a ganhar o Prêmio Coral de Roteiro Inédito do Festival de Havana (2009).
[22] Diretor argentino conhecido pelas consagradas obras *Infância Clandestina* (2011), *La gotera* (2003) e *Nietos – Identidad y memorial* (2004).
[23] Organização da extrema-esquerda argentina que se opunha ao sistema instaurado durante a última ditadura militar no país.

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07



Fonte: Adoro Cinema[24]

2.3. A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NA DITADURA CIVIL-MILITAR DA ARGENTINA E BRASIL: CINEMA E RESISTÊNCIA

Muitas discussões são realizadas acerca da construção da memória e, quando se trata de períodos como as ditaduras militares, esse tema naturalmente se intensifica nos embates políticos. Buscando entender com mais profundidade como os argentinos lidaram com a questão da memória coletiva do seu país, principalmente em relação à última ditadura militar que ocorreu no país a partir de 1976, podemos entender que nossos *hermanos* estão passos largos à frente dos brasileiros em relação ao resgate e manutenção da memória.

Mesmo durante a ditadura, cineastas argentinos e brasileiros passaram a utilizar a arte cinematográfica para promover uma reflexão sobre os caminhos adotados em seus respectivos países. Não demorou muito para que a máquina de censura militar entrasse em ação, por vezes os filmes não eram totalmente censurados, mas sofriam tantos cortes em seu enredo que era incompreensível interpretar a mensagem transmitida. No início, os princípios de censura eram de ordem moralista, mas aos poucos isso foi mudando e a tesoura de ambos os governos passou a tomar critérios de cunho político[25].

A partir dos cineclubes, os cineastas argentinos e brasileiros buscavam caminhos alternativos para poder exibir suas obras e, mesmo com práticas de censura acontecendo

[24] Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-128289/fotos/https://www.adorocinema.com/filmes/filme-191079/>. Acesso em 20 nov. 2022.
[25] Pra Frente Brasil (Brasil,1983); Que Bom Te Ver Viva (Brasil, 1989); Lamarca (Brasil, 1994); Tangos, o Exílio de Gardel (Argentina, 1985); Buenos Aires Viceversa (1996).

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

durante o regime de ditadura civil-militar, os cinemas seguiram existindo, mesmo que de forma clandestina.

Já a partir do período de "redemocratização", no caso da Argentina, o cinema produziu e ainda produz conteúdos que abordam a dolorosa memória do país no período em que o Estado sequestrou, torturou, matou e desapareceu com cerca de 30.000 pessoas, entre adultos e crianças. Cada filme aborda de forma diferenciada o tema da ditadura, pois "(...) o cinema argentino que acompanhou o processo de democratização foi dedicado à conscientização, os filmes transmitem uma mensagem ao espectador e as histórias deram prioridade aos esclarecimentos dos fatos" (AGUILAR, 2006, p.137).

Ressalta-se a existência de três fases distintas do cinema brasileiro durante e pós ditadura militar, sendo (1) a de 1964 a 1968, quando havia a suposição de que a ditadura duraria pouco tempo, o que não se concretizou, pois após a promulgação do AI-5 houve os anos mais duros da ditadura, que persiste entre (2) 1968 a 1974, onde se configura a segunda fase, caracterizada pela censura utilizada muitas vezes como arma para calar aqueles que se opuseram contra o regime, e (3) a última fase que se perfaz entre os anos de 1974 a 1985, em que o regime já mostrava sua decadência, momento que o cinema começou a orquestrar denúncias por meio de seus enredos. O movimento de resistência do cinema brasileiro acerca da violência de Estado se faz mais presente a partir dos anos 2000, onde diversos filmes foram lançados tendo como contexto principal a ditadura militar brasileira, com objetivo de denúncia e resgate da memória sobre os acontecimentos políticos anteriores à redemocratização (ORICHIO, 2003, p.104)[26].

3 CINEMA E ESCOLA

Entendendo o cinema como uma expressão da vida cotidiana, onde o mundo é desvelado artisticamente nas tensões que se manifestam nos mais variados círculos de sociabilidades, as práticas pedagógicas ligadas ao audiovisual para as infâncias possuem grande potencial de aproximar educadores de chão de sala a pesquisadores e outros profissionais da educação, visando a troca de experiências sobre as dificuldades, sucessos e desafios. Consideramos que é importante refletir sobre a experiência de como levar a linguagem audiovisual para a sala de aula, tanto na teoria quanto na prática, como objetivo contribuir com o aprendizado, mas também de fortalecer o diálogo interdisciplinar. Isso deve

[26] Como os filmes mais recentes Argentina, 1985 (Argentina, 2022); Azor (Argentina, 2021); Marighella (Brasil, 2019); Deslembro (Brasil, 2018); O Dia Que Durou 21 anos (Brasil, 2013).

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

ser feito ao abranger a afinidade entre cinema e história através da leitura cinematográfica que expõe muitos assuntos do modo em que enxergamos o passado reiterando a importância política que o cinema exerce ao possibilitar estudos através da observação (FERRO, 1976).

Por isso apresentamos aqui a experiência de um cineclube dentro do ambiente escolar, especificamente no Colégio Dom Pedro II, utilizando do cinema como nova linguagem de ensino e aprendizagem, abordando debates e possíveis análises sobre diferenças de percepções entre os estudantes. Através da experiência dentro do ambiente escolar foi possível compreender esse campo do conhecimento como fundamental na construção do reconhecimento do sujeito enquanto integrante do contexto histórico ao qual pertence.

Assim, é possível trazer diferentes abordagens sobre o mesmo processo histórico, nesse caso se utilizando da arte cinematográfica como meio de construção de ensino e aprendizagem, reconhecendo que "(...) o cinema cria possibilidades de construção do conhecimento histórico escolar, pois o filme em sala de aula mobiliza operações mentais que conduzem o aluno a elaborar a consciência histórica" (ABUD, 2003, p. 16). Conforme Napolitano (2009), tendo a escola como uma transmissora de cultura, o trabalho com o cinema em sala de aula é capaz de:

> (...) ajudar a escola a reencontrar a cultura, ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e "difíceis", os filmes têm sempre uma possibilidade para o trabalho escolar (NAPOLITANO, 2009, p.15).

Assim, as imagens da tela junto com os diálogos e sons em geral nos envolvem, embargam nossos sentidos e impedem que nos mantenhamos distanciados da narração. Deste modo o cinema nos permite, por algumas horas, estar conectados aos processos históricos (ROSENSTONE, 1997). Igualmente isso nos possibilita pensar que o trabalho junto da memória possui a capacidade de tornar o conhecimento em algo material, através de formas artísticas que possibilitam refletir sobre os conflitos do passado e o legado das consequências no presente.

3.1 A INFÂNCIA NO CINEMA

A obra cinematográfica de Luis Puenzo é uma prova irrefutável que a narrativa da história oficial escondia é uma das piores violências de silenciamento das maiores barbáries que a ditadura poderia cometer, onde os assassinos venceram tão somente em razão do uso da

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

força que detiveram. O filme faz reconhecer a verdade se impondo ao oficial, momentos esses que afetarão a todos os personagens da obra e não apenas aos protagonistas ou antagonistas.

O contexto retratado se passa em 1984, em que o longa mostra a procura pelos desaparecidos, circunstância em que já havia deixado de ser apenas uma luta individual e se tornou uma luta coletiva. Pode-se observar essa questão em cenas em que as *Abuelas da Plaza de Mayo*[27] se fazem presentes. O enredo do filme se passa nos atormentados dilemas de uma mãe diante a origem da filha. Sua aflição fica explícita na cena em que o personagem principal diz não saber quem é a filha Gaby e que nada parece ser verdade, uma vez convicta de não conseguir suportar o desconhecimento da origem da filha adotiva e alimentando suspeitas de que a filha seria fruto de uma das violências de Estado.

O filme, então, passa a se desenrolar sobre esse dilema trágico da professora Alícia, que também engloba a sala de aula para as discussões que a cercavam, semelhanças essas que foram utilizadas como ponte na comunicação entre a obra cinematográfica e nosso espectador, que se identifica por conta do ambiente escolar. Todavia, tais acontecimentos tidos como oficiais são vencidos, no decorrer do filme, pelos golpes da realidade que ocorrem em torno dos momentos em sala de aula, que funcionam como sintomas emblemáticos de transformação. A partir disso, alguns estudantes começam a contestar a versão narrada de certos fatos da história argentina, tidos como clássicos em conteúdos escolares. De início, a professora proíbe os debates e chega a assinar uma expulsão de um dos alunos mais insistentes contra o revisionismo histórico e, após o momento que começa abrir os olhos para a realidade silenciada, radicaliza sua posição acerca da história escrita nos livros.

As cenas que a professora assiste perplexa na rua são características daqueles primeiros dias da volta da democracia argentina: manifestação sem censura, fortes e convincentes, que não deixavam dúvidas para quem as assistia. Ou seja, Alícia os fragmentos de um novo ciclo que ressurgia na Argentina, muito diferente da história oficial escrita pelos matadores. A cena que a professora está em uma roda de amigas muito bem representa o embate que se dá na discussão em meio à sociedade da classe média, as lembranças começam a ser quebradas pelas versões conflitantes do que viveram na mesma época e as diferentes ideologias geradas pelos mesmos fatos da ditadura começam a irromper confrontos.

Por sua vez, o enredo do filme *O Ano Em que Meus Pais Saíram de Férias* (2006) se trata basicamente de uma observação do Brasil de 1970 pela ótica de uma criança inserida

[27] As Avós da Praça de Maio nos primeiros dias de manifestações pela praça eram chamadas de 'as loucas da praça de maio', trazendo essa figura trágica da loucura encabeçando um movimento de contrapoder. Corríamos de um lado para outro atrás de explicações: nossos filhos eram trabalhadores e estudantes. Eu sabia que a polícia tinha matado eles, alguém tinha que nos ajudar." (MÃES DE MAIO, 2011, p. 25).

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

numa comunidade judaica paulistana, um compilado muito bem trabalhado onde se consegue sentir o tempo passar enquanto nos envolvemos com a solidão de Mauro. O diretor Cao Hamburger vai contra o padrão da produção nacional, que trazia para o cinema o retrato da narrativa daqueles que lutaram ativamente contra a repressão, utilizando, dentre muitas possibilidades, da percepção infantil sobre o mundo como protagonista do filme, tornando as discussões acerca da obra ainda mais complexas.

Há muitos fatores interessantes para serem trabalhados em sala de aula, por exemplo a comunidade judaica representada por atores que falam *iídiche*[28], de modo que a produção optou por atores que conhecem esse idioma, sendo este um elemento que também ajuda a construir as diferenças na relação entre Mauro e os personagens que cuidam do menino enquanto os pais não retornam, a barreira linguística é um fator que impede a criação de afeto nesse espaço de adaptação, mas não apenas a má comunicação, visto que toda questão cultural também criar certo distanciamento. Assistimos também os momentos de solidão vivenciados por Mauro, questões que em algumas passagens o personagem não consegue entender direito o significado das coisas ou a sensação de abandono. A esperançosa e triste expectativa pelo início dos jogos de futebol também é presente no filme, pois de forma lúdica representava o desejo de retorno dos pais, acrescentando todo o desenrolar sobre a solitária adaptação que o personagem precisa lidar.

Já a obra *Infância Clandestina* (2011) dirigida por Benjamin Ávila, consegue trazer para as cenas elementos políticos e percepções do olhar do infantil inserido naquele contexto de forte repressão, também sensibilizando o público através da percepção infantil. Apesar de todo o ambiente de violência que cerca a infância de Juan/Ernesto, o diretor se concentra em apresentar primeiro a percepção familiar do personagem principal na relação com os pais Cristina/Charoe e Daniel/Horacio e com seu tio Beto.

Sendo possível utilizar elementos da trama como a família, as primeiras paixões e o ambiente escolar para criar conexão com o público espectador dentro da sala de aula, o olhar infantil é fundamental para a construção dessa ponte que proporciona maior entendimento da trama. Isso ocorre mesmo que as questões inseridas na história do garoto que acompanha os pais na luta armada nãos seja tão leve como as obras anteriormente abordadas, pois neste filme entendemos que a violência se torna algo mais real e doloroso.

[28] Idioma falado por grupos de judeus da Europa central e oriental que foi trazido para o Brasil devido a imigração ocasionada pela Segunda Guerra Mundial.

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

3.3 CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

O estudo de caso deste trabalho se concentrou nas experiências vivenciadas no Colégio Dom Pedro II, localizado no bairro Morumbi I, o qual atende cerca de 1.200 alunos entre Ensino Fundamental, Médio, Atividades Complementares e Atendimento Educacional Especializado. A escolha por esse colégio se deve ao trabalho realizado por meio do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID) entre os anos 2018 e 2019, criando através desse projeto uma afinidade com esse espaço escolar que apresenta uma grande abertura receptiva em relação a Universidade da Integração Latino-Americana (UNILA). Outro ponto-chave para a escolha se deu pelo fato de a escola apresentar estruturas básicas para a aplicação das atividades pedagógicas. A atividade proposta através deste estudo foi desenvolvida com alunos do 1º ano do Ensino Médio, estudantes que apresentam faixa etária entre 14 e 16 anos, com duas turmas com cerca de 35 alunos em cada sala.

FIGURA 4 - Cartaz 'Cinema na Escola', exibição do filme *A Infância Clandestina* (2011).

Fonte: Cartaz criado para divulgar atividade desenvolvida com os estudantes do Colégio Dom Pedro II.

Como estudante e futura professora e historiadora, entendo essa ciência como fundamental na construção do reconhecimento do sujeito como integrante do contexto histórico ao qual pertence. Nesse sentido, fui motivada a buscar compreender o processo de ensino-aprendizagem como desenvolvimento do senso crítico e reconhecimento como sujeitos históricos, participantes na sociedade inserida como transformadores sociais. Através de

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

entrevistas com educadores do ensino público de Foz do Iguaçu, material coletado a partir de trabalho intitulado como “100% Pirataria”, realizado durante a disciplina “História e Linguagens”, cursada na Unila no primeiro semestre de 2019, ficou evidente como as práticas criativas e pedagógicas ligadas ao audiovisual para as crianças aproximam educadores de chão de sala a pesquisadores e profissionais da área de educação e audiovisual na troca de experiências sobre as dificuldades, sucessos e desafios. Para Fonseca:

> (...) o professor de história, com sua maneira própria de ser, pensar, agir e ensinar, transforma seu conjunto de complexos saberes em conhecimentos efetivamente ensináveis, faz com que o aluno não apenas compreenda, mas assimile, incorpore e reflita sobre esses ensinamentos de variadas formas. É uma reinvenção permanente (FONSECA, 2003, p. 71)

A metodologia utilizada para levar a linguagem audiovisual para a sala de aula, tanto na teoria quanto na prática, tem como objetivo contribuir e de dialogar, a fim de fortalecer o conteúdo de aulas ministradas, bem como dialogar com outros conhecimentos. Com base nisso, as atividades trabalhadas com a exibição do material se deram posteriormente às aulas sobre ditadura militar brasileira ministradas pela educadora Valdirene Reimann para estudantes do 1º ano período matutino. Em etapa de planejamento das atividades, foi sugerido pela professora a utilização de materiais didáticos acerca do uso do cinema, de forma que pudesse contribuir com o processo de ensino e aprendizagem dentro dos temas que se apresentam como sensíveis e delicados quando abordados em ambiente escolar, visto que “(...) a sala de aula já vem incorporando e sofrendo a intervenção dos meios de comunicação de massa (...)” (NAPOLITANO, 2003, p.89).

Após toda a proposta concentrada através de levantamento bibliográfico, foi preciso verificar se havia todo o amparo para a realização dessas atividades, por conta de toda mudança de regras e normas que a escola vinha sofrendo pela da transição na direção. Sendo assim, mesmo com a autonomia da docente em sala ficamos de início um pouco receosas. Dialogamos com a direção de que forma as atividades iriam se transcorrer, de início foram feitas algumas perguntas acerca das violências que supostamente poderiam ser expostas nos filmes e se o conteúdo era adequado, mostrando um pouco de desconfiança sobre o material apresentado. Entretanto, asseguramos para a direção que os filmes que iriamos abordar foram anteriormente analisados para que pudéssemos trabalhar com eles de forma tranquila e eficaz. Após toda conversa acerca do tema tivemos apoio da direção, que nos ajudou a coletar materiais necessários para a exibição dos filmes, visto que os professores desse ambiente escolar não tinham o costume de utilizar essas ferramentas. Fizemos levantamento de cabos e se as televisões estavam em devido funcionamento e nisto constatamos que apenas duas

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

televisões instaladas em sala de aula não apresentavam defeito. Dessa forma, tivemos que realizar troca de sala para que pudéssemos exibir os filmes, gerando um pouco de transtorno para os estudantes de ambas as turmas que tiveram que trocar de sala, ponto que se mostrou como uma dificuldade acerca do uso de mídias na instituição, desafio esse que muitas vezes pode ocasionar barreiras para o uso didático do cinema.

O primeiro filme exibido, *Infância Clandestina* (2011), por ser mais atual acredito que tenha sido a obra mais bem recebida pelos estudantes, gerando várias especulações sobre o destino do personagem Juan/Ernesto. Inclusive, no final da exibição alguns estudantes ficaram sugerindo quais nomes gostariam de adotar caso tivessem que viver de forma 'clandestina' como o protagonista, questão que foi bastante ímpar, mostrando interesse dos estudantes pela trama. A segunda obra exibida foi *o Ano Em que Meus Pais Saíram de Férias* (2006) que, apesar de também ter sido bem recebida pelos estudantes em observação, enquanto os estudantes assistiam pude perceber um pouco de inquietação, sem muitos questionamentos ou suposições como na obra anteriormente trabalhada. O último filme exibido, *A História Oficial* (1985), considero como a segunda melhor recepção dos alunos, pois a trama da professora de história gerou novamente muitas especulações, sendo perceptível os estudantes demonstrarem, por vezes, o sentimento de suspense conforme a personagem principal descobria sobre a origem de sua filha adotiva. No final da exibição, algumas estudantes me questionaram se o filme tinha continuação, o que me pegou de surpresa pois não esperava tamanho interesse da parte dos alunos.

Após a abordagem dos três longas-metragens foi aberta discussão, que se deu de maneira conduzida num primeiro momento, onde foram levantadas algumas indagações acerca dos enredos e de que forma eles conseguiram captar elementos do contexto das ditaduras presentes nos filmes. Pude observar opiniões distintas sobre alguns pontos, o que julgo como um debate feito de forma saudável e enriquecedora.

As principais indagações dos estudantes foram a curiosidade sobre os desaparecimentos de crianças durante o período de ditadura civil-militar na Argentina, sendo possível apresentar um pouco mais afundo para eles a resistência das Avós da Praça de Maio. Após, outro ponto bastante perguntado foi se crianças também tinham que se esconder e usar nomes de mentira, fazendo referência ao personagem Juan em *Infância Clandestina* (2011). Com a discussão concluída, os estudantes foram divididos em quatro grupos para que elaborassem uma apresentação geral sobre os temas trabalhados, tendo como apoio a contextualização temporal representada nos filmes, os debates realizados e os materiais anteriormente abordados. Em conversa com a professora e pelo retorno dos estudantes pude

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

concluir que o cinema agregou de forma bastante eficaz na atividade desenvolvida e apresentada pelos alunos. Constatou-se, ainda, que as dificuldades com as trocas de salas não diminuíram o envolvimento com os filmes, fato esse que pude observar na apresentação sobre violência de Estado, avaliação feita pela professora Valdirene, onde a infância dentro do contexto da ditadura levantada pelos filmes foi constantemente enfatizada pelos alunos.

Pode-se constatar, então, que o cinema e a educação são objetos de transformação quando possibilitado que conteúdos do audiovisual façam diferença na jornada educativa do público-alvo, trabalhando medidas educativas junto ao desenvolvimento sociocultural. Portanto, a escola é o espaço onde se constrói interpretações e saberes históricos e da memória, já que a "cultura histórica é capaz de orientar quando viabiliza que as experiências com o passado sejam interpretadas, de modo que se possa, por meio delas, entender as circunstâncias da vida atual e, com base nelas elaborar perspectivas de futuro" (RUSEN, 2015, p.217).

Assim, podemos considerar o cineclube como base para introduzir o audiovisual nos espaços escolares, se tornando um convite para repensar as práticas pedagógicas. Importa dizer que o processo de pensar na escolha do filme decorreu de uma sugestão dada pela professora durante o desenvolvimento de conteúdo do ano letivo. Porém, cabe destacar que, considerando o cineclube como uma potencial ferramenta pedagógica, é necessário pensar nas questões de fundo antes mesmo de introduzir essa prática. Isto é, o cinema não deve ser utilizado em sala de aula sem planejamento anterior e sem conhecimento dos elementos da linguagem audiovisual.

Finalmente, é válido frisar que a figura do professor dentro da sala de aula não deve ser substituída pelo filme e nem sequer pelo livro didático, o papel do professor vai muito além. No caso do ensino de história, essa linguagem artística pode ser desenvolvida através das noções de pesquisa histórica, valendo-se da problematização da representação do passado nos filmes.

4 CONCLUSÃO

Concluindo, então, o estudo com as fontes cinematográficas como vetor da construção de autonomia de produção de conhecimento do estudante como sujeito histórico, acreditamos que o debate que tende a transitar entre teoria e prática faz com que os estudantes sejam também protagonistas no desenrolar dos estudos e a construção de conhecimento. Admitindo

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

que a educação é uma ferramenta para o desenvolvimento da responsabilidade social e política, percebemos que a construção e autonomia sobre o conhecimento é uma das vertentes da elaboração dessa consciência histórica, partindo de uma perspectiva onde o educador busca a sublimidade no ensino/processo de aprendizagem, tal como o pesquisador busca o mesmo no ramo da pesquisa.

Entretanto, é preciso reconhecer o ensino não apenas como dinâmica de transmissão de saberes, mas principalmente como formador de observação, senso crítico e expressão, acreditando também na educação como ferramenta de democratização da cultura, que contribui com os grupos sociais comunitários e subalternizados, formando educandos questionadores, participantes e críticos. Entendemos que se faz necessário produzir conhecimento através da exibição de filmes e reconhecer esse espaço como meio de conectar com o conteúdo prévio que o estudante traz consigo de bagagem de conhecimento, inserindo propostas pensadas com muito cuidado pedagogicamente. Nesta questão, devemos compreender que o filme não é um livro didático e sim uma ferramenta com uma linguagem específica que auxilia e amplia visões abordadas pelo trabalho do professor. Nesse sentido, entende-se o audiovisual também como ferramenta primordial de aprendizagem, considerando que a escola funciona como um grande difusor de cultura no bairro/cidade. Partindo desses argumentos, como graduanda do curso de História Licenciatura, vejo a necessidade de dar continuidade em outros trabalhos que envolvam a interdisciplinaridade e novas abordagens didáticas no campo da educação utilizando das mídias e produtos audiovisuais para interagir com um público que já é engajado com as diversas formas de tecnologia.

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

REFERÊNCIAS

ABUD, K. M. **A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. História.** São Paulo, v.22, n. 1, pp. 183 a 193, 2003.

ALMEIDA, M.J. **Cinema arte da memória**. Campinas: Autores Associados,1999.

ALMEIDA, M.J. **Imagens e Sons**: a nova cultura oral. São Paulo: Cortez. 2001.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia educação**. São Paulo: Editora Autores Associados, 2001.

DUARTE, R. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FERRO, Marc. **O filme: uma contra-análise da sociedade?** In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. História – novos objetos. Trad. Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 199-215.

LIMA, Daniel Rodrigues de. **Cinema e história: o filme como recurso didático no ensino/aprendizagem da história.** Revista Historiador, Porto Alegre, n. 7, p.94-108, jan.

MÃES DE MAIO. **Do luto à luta**: Mães de Maio. São Paulo: Nós por nós, 2011.

MÃES DE MAIO. **Mães de maio, mães do cárcere**: a periferia grita. São Paulo: Nós por nós, 2012.

MATELA, Rose Clair. **Cineclubismo**: memórias dos anos de chumbo. Rio de Janeiro: Luminária Academia, 2008.

MORETTIN, Eduardo e NAPOLITANO, Marcos (orgs.). **O cinema e as ditaduras militares: contextos, memórias e representações audiovisuais**. São Paulo: Intermeios, 2018, 232 p.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: do golpe de Estado à restauração democrática.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar.** São Paulo: Contexto, 2014.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOCELLIN, Renato. **O cinema e o ensino de História.** Curitiba: Nova Didática, 2002.

ORICCHIO, Luiz Zanin. **Cinema de Novo: um balanço crítico da Retomada.** São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2003.

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07

ROSENSTONE, Robert. História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens. **O olho da história**. Salvador- BA: UFBA, v.1, n.5, p.105-116, 1997.

SADER, Emir; JINKINGS, Ivana et. al. (Coord.). **Enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

SANTOS, Jorge Artur Caetano Lopes dos**. Por uma história temática: filmes em sala de aula**. Ebr – Educação Básica Revista, Sorocaba, v. 2, n. 1, p.141-160, 2016.

SANTOS, Marcia de Souza. A ditadura de ontem nas telas de hoje: representações do regime militar no cinema brasileiro contemporâneo. **O olho da história**. Salvador - BA: UFBA, n. 11, dezembro de 2008.

Versão Final Homologada
15/01/2023 18:07